

## GUIÃO - “FRENTE DE FOGO”

**Autora:** Isabel Meira

**Sumário:** Em 2017, Portugal enfrentou os incêndios mais mortais e devastadores da história do país. Mais de 100 pessoas morreram, pelo menos 250 ficaram feridas, e os incêndios queimaram cerca de 560,000 hectares (1,3 milhões de acres) de terra na região central de Portugal.

O incêndio mais grave deflagrou no dia 17 de Junho, no município de Pedrógão Grande e alastrou para vários concelhos vizinhos. Mais de 2,000 bombeiros foram mobilizados para combater os incêndios, sob calor intenso e ventos fortes. Muitos deles ficaram gravemente feridos.

“Frente de Fogo” é uma memória-diálogo na primeira pessoa de um dos bombeiros que sobreviveu, depois de mais de dois meses em coma. Pouco tempo antes de ser transferido para o hospital, Rui Rosinha prometeu ao filho que não ia morrer. E está prestes a regressar a casa.

---

*[estrada, carros a passar] – 00’00*

**Rui Rosinha (bombeiro):** Fazer aquela estrada vai ser muito importante para mim. Quando for para Castanheira de Pera inevitavelmente vou passar naquela estrada *[carro a passar]* e já disse: quero parar no cruzamento, quero olhar para aquilo tudo *[porta carro a bater, passos na floresta]* e quero... quero dizer e quero gritar ali que não foi ali que... não foi ali que eu morri, não foi ali que o fogo me levou. *[coração a bater, respiração ofegante]*.

Qualquer pessoa que enfrente o fogo e que combata um fogo sabe que o fogo parece que está ali para nos comer. É sempre a impressão que nós temos. E... e quero muito passar naquela estrada. É ali que vai começar o meu luto.

*[música]*

É um assunto que, que as pessoas e vocês jornalistas devem voltar muitas vezes, que é para não nos esquecermos. É muito importante não esquecer e reviver a situação para mim em alguns pontos é doloroso, mas é como se fosse um espírito de missão fazer lembrar estas, estas tragédias, principalmente Pedrógão por onde passei.

## SCRIPT - “FIRE FRONT”

**Author:** Isabel Meira

**Summary:** In 2017, Portugal faced the deadliest and most devastating forest fires in the country’s history. More than 100 people died, at least 250 people were injured, and the fires burned about 560,000 hectares (1,3 million acres) of land across Portugal central region.

The worst wildfire broke out on June 17<sup>th</sup>, in the municipality of Pedrógão Grande and spread to several neighbouring areas. Over 2,000 firefighters were deployed to combat the fires, under intense heat and strong winds. Many of them were severely injured.

“Fire Front” is a first-person memoir of one of the firefighters that survived, after more than two months in a coma. Just before Rui Rosinha was airlifted to the hospital, he promised his son he was not going to die. And he is about to return home.

---

*[road, cars passing] – 00’00*

**Rui Rosinha (fireman):** Taking that road is going to be very important for me. When I go to Castanheira de Pera I will have to take that road *[a passing car]* and I’ve said: I want to stop at the crossroads, I want to see all of it *[car door slams shut, footsteps in the forest]* and I want... I want to cry out that it wasn’t there that... it wasn’t there where I died, it wasn’t there that the blaze carried me off *[heart thumping, breathing heavily]*.

Anyone who faces up to the blaze and who fights it knows that it seems like it’s there to consume us all. This is always the impression that we get. And... and I really want to take that road. It’s there that I will start to mourn.

*[music]*

This is a matter that people and you journalists should often go back to so that we never forget. It’s really important not to forget and reliving the situation is very painful for me at times although it is as though there is a missionary spirit for remembering these, these tragedies especially in Pedrógão where I was.

Rui Miguel Medeiros Antunes Rosinha, 40 anos, nascido em Coimbra, mas vivo em Castanheira de Pera. E se, se cá fiquei, a minha missão neste momento, a partir de quando me sentir bem é não deixar cair isto no esquecimento, porque as gerações vindouras não podem tornar a passar por... por situações destas. Isto para nós não pode ser o normal.

**Marina (mulher de Rui):** Nós sabemos que eles quando saem [*sirene bombeiros*], que tudo pode acontecer. Mas nunca estamos preparados para nos acontecer uma situação destas.

[*sirene ambulâncias*] – 02’01

O meu nome é Marina Antunes Rodrigues, tenho 39 anos [*coração a bater*], trabalho no jardim de infância de Castanheira de Pera, sou casada com o Rui Rosinha, o subchefe de Castanheira de Pera que teve um acidente nos bombeiros no dia 17 de Junho, tenho dois filhos, um com nove e um com 13 e continuamos em *standby* à espera do Rui [*efeito sonoro*].

**Rui Rosinha (bombeiro):** Aquele dia começou como um dia normal de trabalho, que eu trabalho ao sábado. Sou também responsável pelo mercado municipal lá de Castanheira.

**Marina (mulher de Rui):** Ele é fiscal municipal, da câmara.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Um dia normal, um dia de muito calor, humidades muito baixas, notávamos no ar, não é. Comecei por saber que havia fogo em Pedrógão [*sirene bombeiros*], estava a trabalhar, não pude ir. Quando saí do trabalho, toca novamente a sirene, telefono à minha esposa...

**Marina (mulher de Rui):** A dizer que já não conseguiria ir a casa, porque tinha que se fardar para ir diretamente para os incêndios, que estavam vários focos de incêndios a deflagrar junto a habitações. [*crepitar fogo*]

**Rui Rosinha (bombeiro):** Dirigi-me ao quartel, pensava que era para Pedrógão, era para outro fogo, para Figueiró dos Vinhos, para a localidade de Moninhos/Fundeiros. Formámos a guarnição, pegámos nos rádios e fomos para o fogo, para Moninhos. Um dia de extremo calor. Andámos a combater com 42 graus de temperatura, humidades relativas abaixo de 30, 30 por cento. Mesmo nos Moninhos foi um combate difícil, porque nós apanhámos ali uma zona muito complicada, debaixo de uma linha de alta tensão e com um combustível muito grande, portanto trabalhámos ali muito e bem, graças a Deus.

Rui Miguel Medeiros Antunes Rosinha, 40 years of age, born in Coimbra, but now I live in Castanheira de Pera. So, if I'd, if I'd stayed there, my mission right at this moment, as soon as I feel alright is not to let all this be forgotten about because the next generations shouldn't go through.... through situations like this again. This can never be normal for us.

**Marina (wife of Rui):** We know that when they leave [*fire engine sirens*] that anything can happen. You can never be ready for a situation like this happening to us.

[*ambulance sirens*] – 02'01

My name is Marina Antunes Rodrigues, I'm 39 years old [*heart beating fast*], I work in the kindergarten at Castanheira de Pera, I'm married to Rui Rosinha, the second in command at Castanheira de Pera who was involved in an accident on the 17th of June, I have two children – one aged 9 and the other 13 – and we are all on standby waiting for Rui [*sound effect*].

**Rui Rosinha (fireman):** The day started just like any normal working day – I work normally on Saturdays. I'm also responsible for the Castanheira municipal market.

**Marina (wife of Rui):** He's an inspector at the town hall.

**Rui Rosinha (fireman):** A normal day – very hot – low humidity – you could feel it in the air, right? It started when I was told that there was a fire in Pedrógão [*fire engine siren*], - I was working so I couldn't go. When I left work the siren went off again, so I called my wife...

**Marina (wife of Rui):** He said he wouldn't be able to come home, that he had to put on his uniform and go straight to the fires because there were several blazes flaring up close to people's homes. [*fire encroaching*]

**Rui Rosinha (fireman):** I went straight to the fire-station because I thought it was for Pedrógão but it was another blaze at Figueiró dos Vinhos, at Moninhos/Fundeiros. We formed the crew, grabbed radios and headed towards the blaze, to Moninhos. It was a really hot day. We were fighting a fire with 42-degree heat, quite low humidity below 30, 30 per cent. Fighting the fire at Moninhos was hard because we were in an area that is complicated, being underneath high voltage cable with lots of inflammable material so we were working well thank God.

Ninguém se aleijou, achámos que fizemos um bom trabalho. Estávamos contentes, porque foi mais uma missão que cumprimos. A certa altura, énos informado para nós desmobilizarmos para irmos alimentar a Figueiró dos Vinhos, era a missão que tínhamos [*porta carro a bater*] e depois ia nos ser atribuída nova missão nesse dia [*carro a arrancar, sirene ambulância*]. A meio do trajeto, é-nos solicitado urgência [*crepitar fogo*], para nos deslocarmos imediatamente para a localidade de Moita, Castanheira de Pera. – 04'26

**Baltazar Lopes (presidente dos bombeiros):** O incêndio entrou no concelho entre as sete e meia e as oito da noite, eu estava a 20 ou 30 quilómetros daqui.

Baltazar Lopes, sou presidente da direção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pera. Estávamos rodeados por fogo e sem comunicações. Eu de imediato, quando me aproximei de Castanheira fiquei sem telemóvel. No quartel, quando cheguei de imediato dirigi-me ao quartel, já não estava nenhum bombeiro aqui, ou seja, todos os meios que tínhamos disponíveis na altura, todos os carros de combate a incêndio, todas as ambulâncias estavam no terreno.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Deixámos a estrada de Figueiró e fomos logo imediatamente para a estrada de Castanheira, para a 236/1 [*carro a passar*]. Já vimos um GNR<sup>1</sup> no IC8, portanto, largamos o IC8 para a 236 já havia um GNR que nos mandou passar.

Vimos realmente um fumo muito estranho, muito escuro, [*sirene ambulâncias*] portanto que para nós já indicia que há muito material combustível a arder e muito oxigénio a ser absorvido, que é logo isso que nós pensamos, mas continuámos na estrada [*carro a passar*].

Eu como estava como chefe de equipa ia à frente, ia para pedir o canal manobra, que é o canal que nós utilizamos no teatro de operações, ao posto de comando para saber qual era o canal manobra que iríamos utilizar. Permite estabelecer a ligação entre os carros de combate e o comandante de sector e entre carros de combate que estão no mesmo sector, é um canal rádio SIRESP<sup>2</sup>.

Quando eu vou para pegar no, no PTT<sup>3</sup> do rádio para falar, já havia muito fumo na estrada. Aí sim, nós começámos a perceber que, qua havia ali qualquer coisa já de extraordinário, porque o fogo tomou proporções que nós em tão poucas horas nunca imaginávamos.

---

<sup>1</sup> GNR – Guarda Nacional Republicana

<sup>2</sup> SIRESP – Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal

<sup>3</sup> PTT – comutador de receção/emissão - *push to talk*

No one got hurt and we thought it was going well. We were quite pleased with another mission completed. Then we were told to stand down and to go and get something to eat at Figueiró dos Vinhos – that was the mission we were given [*a car door slams*] and then we were going to be reassigned on that day [*moving car, ambulance siren*]. When we were about half way there we received an urgent call [*fire encroaching*], to go straight away to Moita, Castanheira de Pera. – 04’26

**Baltazar Lopes (fire chief):** The fire entered the municipality area between 7:30 and 8:00 in the evening and I was about 20 or 30 kilometres away.

Baltazar Lopes, I am Chair of the Board for the Castanheira de Pera Voluntary Firemen’s’ Humanitarian Association. We were surrounded by the fire and had no means of communication available. As I approached Castanheira my phone was cut off straight away. As soon as I arrived at the fire station – I went straight to the fire station – there was no-one there which meant that all of our available resources, all of the fire engines, all of the ambulances, had all been deployed.

**Rui Rosinha (fireman):** We came off the Figueiró road and headed straight to the Castanheira one, to the 236/1 [*car passing by*]. We had seen a GNR<sup>4</sup> officer on the IC8 and therefore we left the IC8 for the 236 as a GNR officer had allowed us through.

There was some really strange smoke, really dark, [*ambulance sirens*] so we thought that this meant that there must be a lot of combustible material on fire and a lot of oxygen being absorbed and that was when we thought whether we should go any further along the road [*car passing by*].

As I was leading the crew I was at the front and was going to request the operations channel which is the one we use on operational duty, from the command post and so that we could find out which was the one that we were supposed to use. This channel allows communications between the fire engines and the commander for the sector as well as between fire engines which are operating in the same sector. This is an SIRESP<sup>5</sup> radio channel.

As I was going to take hold of the, of the PTT<sup>6</sup> on the radio to speak there was already a lot of smoke on the road. This was when we began to see that – that there was something very odd and out of the ordinary because fire was so huge that we would never have imagined possible in such a short time.

---

<sup>4</sup> GNR – Guarda Nacional Republicana

<sup>5</sup> SIRESP – Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal

<sup>6</sup> PTT – speaker and receiver button - *push to talk*

Quando eu pego no PTT, olho e aí é que vem o carro, o carro que nos embateu. Vem totalmente desgovernado, já vem a fazer pião na estrada. *[carro a despistar-se, choque com outro carro, música]* – 06'38

O carro embate-nos, nós ficámos ali um bocado desorientados ainda durante uns segundos dentro do carro *[crepitar fogo]*. E eu naquele entretanto olho para a direita e vejo que realmente o fogo vem com uma grande intensidade, com uma grande velocidade. Começo a sentir calor, um calor muito grande. O fogo vinha a uma velocidade extrema mesmo, uma coisa que eu nunca vi, tenho 24 anos de bombeiro e nunca assisti a uma velocidade tão grande de um incêndio como naquele.

Começo a sentir calor no vidro do carro, já me é difícil sair por aquela porta, pela porta do lado direito. Saímos todos, digo para sairmos pela porta do lado esquerdo, que era a que estava menos exposta naquela altura *[portas a bater]*. Olhámos para o carro, chamámos, vimos que não havia nada a fazer, o carro era a gasolina. Nós pensámos todos, quase por telepatia uns com os outros, isto vai rebentar, isto vai rebentar, nós vamos aqui morrer ao pé deste carro, porque o carro, não havia nada a fazer. Chamámos pelas pessoas, tentámos ainda estar ali um bocadinho, mas já não, já não dava. *[música]*

**Marina (mulher de Rui):** Às oito e 13 precisamente, eu estava na varanda e o meu filho chegou ao pé de mim *[coração a bater]*, o meu filho mais velho, a dizer que o pai que estava aos gritos a dizer que estavam a morrer.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Não é normal, eu nunca levo o telefone para a frente de fogo, o telefone fica sempre dentro do carro, mas como ainda não estávamos na frente de fogo, ainda tinha o telefone comigo. Antes disso, tento acionar o SIRESP, vejo que não há reação nenhuma do SIRESP. Telefono à Marina e digo: Marina vamos aqui morrer todos. Eu nunca tinha telefonado em 24 anos de bombeiro.

**Marina (mulher de Rui):** E quando eu peguei no telefone ouvi o meu marido a dizer nós vamos morrer aqui todos.

**Rui Rosinha (bombeiro):** A Marina pôs o telefone em alta voz, eu a gritar que íamos morrer lá todos, porque estava... sentíamos que, que tudo aquilo era muito extremo, muito, com muita intensidade, uma coisa que nunca tínhamos vivenciado, nem experienciado.

When I picked up the PTT I saw the car coming towards us – the one that hit us – completely out of control and rolling along the road. *[vehicle out of control hits another one, music]* – 06’38

The car ran into us which left us dazed and confused for a short while *[fire encroaching]*. Right then I looked over to the right and saw that the fire was huge and moving very rapidly. The fire was moving so fast, at a speed that I have never witnessed before and I’ve been a fireman for 24 years and I have never seen anything moving so fast like that.

Then I began to feel the heat, the temperature very high. The blaze was moving so fast and I could feel the heat through the glass of the windows so that it was difficult to get out through the door on the right-hand side. We all got out by the door on the left-hand side which was the one that was least exposed then *[doors slamming]*.

We were looking at the car and calling out, we could see that there was nothing that could be done, and the car was the fuel. We all thought, almost by telepathy, that this is going to explode and we’re going to die right here at the side of the car because there was nothing that we could do. We called to each other and tried to stay there a while but no, there was nothing to be done. *[music]*

**Marina (wife of Rui):** At exactly 8:13 I was on the balcony when my son came up to me *[heart beating]* – the oldest one – telling me that his father was shouting and saying that they were all going to die.

**Rui Rosinha (fireman):** This isn’t normal – I never take my phone to the scene of the fire, my phone is always left in the fire engine but, as we were not yet at the scene of the fire, I still had my phone on me. Before, I had tried to use the SIRESP and saw that the thing was dead. I called Marina to say: Marina – we’re all going to die here. I had never made a phone call like this in 24 years as a fireman.

**Marina (wife of Rui):** It was when I took the phone then I heard my husband saying that we’re all going to die here.

**Rui Rosinha (fireman):** Marina put the phone on speaker and I’m shouting that we’re all going to die because I felt... we felt that this was all unprecedented – very – extremely hot and something that we had never witnessed before, something that we had never experienced.



**Marina (mulher de Rui):** Corram para trás, eu estou-vos a dar uma ordem, vamos proteger, e a chamada caiu e eu nunca mais consegui voltar a ligar. *[música]*  
– 08’47

**Rui Rosinha (bombeiro):** A reação foi de fugirmos para o ponto de ancoragem mais perto, que era o cruzamento para Vilas de Pedro, da 236/1 para Vilas de Pedro. E o meu, a minha reação foi dizer vamos fugir para o cruzamento, que é a zona mais larga da estrada.

Todos começámos a fugir para lá. Todos começámos a sentir uma onda de calor muito forte, o fenómeno ali, presenciámos o fenómeno à nossa frente. Sentimos ventos descendentes, que eu nunca tinha sentido num incêndio, nem em lado nenhum. As chamas, com a intensidade do vento, quando vinha o vento lateral, varriam-nos completamente as pernas. Sentíamos o corpo a derreter autenticamente *[respiração ofegante, passos na floresta]*.

Eu não consegui, com o embate do carro, não consegui tirar luvas, nem consegui tirar capacetes, nem cogulas, porque com o embate tudo desapareceu do carro, nós não tínhamos a noção de nada. A Marina, sei depois que foi ao quartel para chamar, chamar ajuda.

**Marina (mulher de Rui):** Dirigi-me ao quartel dos bombeiros e vim pedir para conseguirem localizar a viatura *[sirene bombeiros]*, porque tinha recebido um telefonema muito estranho do Rui, que nunca tinha acontecido, em 21 anos que nós estamos juntos, nunca tinha acontecido nada assim e a bombeira terceira, a Raquel, que estava na central, conseguiu entrar em contacto. Tentou vários telefones e conseguiu falar com o Fernando Paulo *[crepitar fogo]*, que é o bombeiro terceiro, filho do chefe Tomé, que lhes deu a localização e eles partiram em socorro deles.

**Baltazar Lopes (presidente dos bombeiros):** Quando soube, portanto, o comandante transmitiu-me telefonicamente que o incêndio já estava em Castanheira de Pera e que um dos nossos carros de combate a incêndios tinha tido um acidente e havia bombeiros feridos. Desloquei-me de imediato para aqui, tive que vir por uma estrada, pela Serra da Lousã, cheguei aqui quase às dez da noite e quando aqui cheguei deparei-me com um cenário catastrófico, enfim, não tenho sequer palavras para descrever aquilo que se estava a viver no concelho de Castanheira de Pera. Estávamos rodeados por fogo e sem comunicações.

**Rui Rosinha (bombeiro):** E depois basicamente foi aguentarmos ali com ondas de calor muito fortes.

**Marina (wife of Rui):** Get back, I’m ordering you, we have to protect ourselves and the call cut off and I wasn’t able to call again. *[music] – 08’47*

**Rui Rosinha (fireman):** Our reaction was to run towards the nearest anchor point which was the crossroads for Vilas de Pedro on the 236/1. My – my reaction – was to order that we should run to the crossroads which is the broadest part of the road. We all set out running.

We all began to feel a powerful wave of heat – it was right there in front of us. There was wind coming down which I have never felt at a fire nor anywhere else. The flames and with the strength of the wind when it came from the side we could feel our legs failing us, our bodies felt as if they were melting *[heavy breathing, footsteps in the forest]*.

With the blow from the car I hadn’t been able to pick up neither my gloves nor my helmet or goggles because everything just disappeared, and we had no sense of anything at all. Marina – I found out later that she went to the fire station to call for help.

**Marina (wife of Rui):** I headed for the fire station and asked for them to try to locate the vehicle *[fire engine siren]*, because I had received a strange call from Rui like I had never received before in the 21 years that we have been together, nothing like this had ever happened before so Raquel, the third fire officer who was on the switchboard managed to get in touch. She tried several numbers and finally spoke to Fernando Paulo *[fire encroaching]*, who is the third officer and the son of the fire chief Tomé was able to give them their location, so they set out to help them.

**Baltazar Lopes (chairman of the firemen):** As soon as I found out from the commander - who rang me to say that the fire was at Castanheira de Pera and that one of our fire engines had had an accident and there were firemen injured. I set off straight away using the road through Serra de Lousã and got there at ten in the evening. The scene was absolutely disastrous – it’s impossible to find words to describe what I witnessed at Castanheira de Pera. We were surrounded by flames and without any form of communications.

**Rui Rosinha (fireman):** All we could do was hanging in there with waves of heat that were overwhelming.

Conseguimos por as pessoas no meio de nós e abraçámo-nos a elas, para elas não se queimarem. Ficámos nós tipo a fazer um escudo à volta das pessoas. Elas graças a Deus não se queimaram, mas pronto, nós ficámos um bocadinho mais expostos com isso e queimámo-nos. De um modo geral todos nós nos queimámos em certas partes do corpo que foram comuns, por exemplo as pernas, os cotovelos, todos tivemos o mesmo tipo de queimaduras.

Porque umas das, só para ter a noção, e eu aí tive essa noção, uma das, das imagens que me fica, que me ficou, foi olharmos para o rail da estrada, o rail de proteção e estava incandescente, portanto, aí eu vi que, que realmente estávamos a sentir ali temperaturas muito extremas, muito. Tentámos aguentar ao máximo [*coração a bater*]. Começámos a perder algum discernimento. Eu tentei manter, todos nós tentámos, mas as dores começaram a tomar conta de nós, não é. Senti as mãos a derreter. Sentia que a cara estava queimada, muito queimada. – 12’33

**Marina (mulher de Rui):** Eu fiquei sempre ali perto do quartel, porque estávamos sem comunicações e achei que era o único sítio onde eu teria alguma informação. Aquilo foram momentos muito complicados, via-se pessoas a chegar, a chorar, os próprios bombeiros choravam muito [*sirene ambulâncias*].

**Rui Rosinha (bombeiro):** As ambulâncias vieram a arriscar muito. Vieram nos buscar, evacuaram-nos. Tentaram fazer o melhor, porque estamos a falar de colegas a socorrer colegas. Imagino que seja muito complicado um colega socorrer um colega e dirigimo-nos a Castanheira de Pera. Tentaram me levar para o campo de futebol e por alguma razão, não sei se foi por lhes dizerem que não havia meios aéreos para nos ir buscar, levaram-nos para o centro de saúde. O centro de saúde estava fechado. Houve ali momentos de grande angústia. Entretanto uma das coisas que eu pedia muito era para não deixarem as famílias nos verem.

**Marina (mulher de Rui):** Não nos deixavam aproximar de umas ambulâncias, que ninguém percebeu muito bem porquê e depois viemos a saber que eram eles que estavam lá dentro, até que eu ouvi alguém dizer que estavam feridos a chegar ao centro de saúde e disse para a mulher do chefe Tomé que, entretanto, também tinha chegado: olha, vamos que eu acho que são os nossos bombeiros. E quando chegámos ao centro de saúde, este encontrava-se fechado.

We managed to put people in the middle of us and held on to them so that they didn't get burnt. We acted like a kind of shield surrounding the people. Thank God they didn't get burnt but then we were more exposed to getting burnt. We were all burned on certain parts of our bodies such as our legs and elbows and we all had the same type of burns.

Just so that you have an idea of what it was like, and this has stayed with me, the crash barrier on the road was glowing if you looked at it so it was clear that we were up against extremely high temperatures. We tried to resist as much as possible [*heart beating*]. We began to lose consciousness. I tried to – well we all tried to resist but the pain began to overcome us, right? I felt like my hands were melting. My face felt like it was on fire burning up. – 12'33

**Marina (wife of Rui):** I stayed at the fire station because there were no communications and I felt that this was the only place where I might get some information. It was a really difficult time – people were arriving, some were weeping, even the firemen [*ambulance siren*].

**Rui Rosinha (fireman):** The ambulances were in a lot of danger. They came to collect us. They came to take us away. They tried really hard because these were colleagues supporting their own colleagues. I imagine it must be very difficult to be in that situation, but we headed for Castanheira de Pera. They tried to take me to the football stadium but for some reason – maybe it was because they said that there were no helicopters available to collect us – they took us to the health centre which was closed. There were some really painful moments but one thing that I begged for was that they not let our families see us.

**Marina (wife of Rui):** No-one would let us go to the ambulances and nobody know why but then we found out that they were the ones inside and I even heard someone say that the injured were being brought to the health centre, so I said to the fire chief's wife that they had arrived. Come on let's go because I think they are our firemen and when we got to the health centre it was closed.

Estava a doutora Cristina Joaquim, que é uma médica residente em Castanheira, já lá para prestar auxílio, mas com as portas fechadas, sem meios de poder socorrer, estava o chefe Tomé dentro a ambulância [*coração a bater*], o Gonçalo Conceição na rua, de pé, mais o Fernando Paulo, o Fernando Tomé filho e o Rui estava deitado no chão.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Na ambulância pedi: não deixem entrar as famílias, não deixem que as famílias nos vejam, não deixem que elas nos vejam neste estado. Mas isso foi quase impossível. Passado pouco tempo de estar no centro de saúde, aparece a Marina, a minha esposa.

**Marina (mulher de Rui):** Eu conheci-o pelos pés e pelos gritos. Quando eu me aproximei dele, ele não era identificável pela cara. A cara estava completamente desfigurada, toda preta, toda empolada, os lábios, os olhos muito queimados, o nariz e as mãos. Foi aquilo que eu consegui visualizar, as mãos estavam completamente desfeitas.

[*música*] – 14’48

**Rui Rosinha (bombeiro):** Aparece o meu filho mais velho que foi com ela.

**António (filho de Rui):** Sou António Rosinha, tenho 13 anos.

**Rui Rosinha (bombeiro):** E vê-me ali numa situação... que acho eu que deve ter sido muito difícil.

**Marina (mulher de Rui):** Deitou-se em cima do pai.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Chegou-se ao pé de mim, abraçou-me na maca. Não chorou, mas disse-me.

**António (filho de Rui):** Disse-lhe para ele não morrer.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Eu disse: não, filho. Tentei manter-me um bocado ali assim forte, para não lhe transmitir assim angústia, o que eu estava a sentir na altura.

**António (filho de Rui):** Ele disse-me que não morria.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Não, o pai não morre. Está descansado que o pai não morre.

**António (filho de Rui):** Prometeu-me.

Doctor Cristina Joaquim - who is a doctor living in Castanheira – was there ready to provide help but with the doors closed and without any way of helping, fire chief Tomé was in an ambulance [*heart beating*], Gonçalo Conceição standing outside and Fernando Paulo, the son of Fernando Tomé and Rui lying on the floor.

**Rui Rosinha (fireman):** In the ambulance I asked that the families should not be allowed in, that they not be allowed to see us, that they shouldn't see us in this state but it was almost impossible and shortly after arriving at the health centre, Marina – my wife - appeared.

**Marina (wife of Rui):** I couldn't even recognise his face. His face was all black, covered in soot, his nose, his hands his mouth and his eyes all burnt his nose and his hands. That was all that I could see – his hands were completely destroyed.

*[music] – 14'48*

**Rui Rosinha (fireman):** I see my eldest son who was with his mother.

**António (son of Rui):** I'm António Rosinha – I'm 13 years old.

**Rui Rosinha (fireman):** There I was in a situation that I think must have been very difficult.

**Marina (wife of Rui):** He lay down with his dad.

**Rui Rosinha (fireman):** He came up close to me and hugged me on the stretcher. He didn't cry but he said.

**António (son of Rui):** I told him not to die.

**Rui Rosinha (fireman):** I said to him no son. I tried to stay strong and not to show him the agony that I was feeling then.

**António (son of Rui):** He told me that he wasn't going to die.

**Rui Rosinha (fireman):** No –your dad's not going to die. Take it easy – I'm not going to die.

**António (son of Rui):** He promised me.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Ele sai da ambulância, vem para a rua, vem assim para a porta lateral, aponta-me um dedo em riste, com o dedo esticado e diz: pai tu não vais morrer! E sai dali, pronto, eu nunca mais o vi nesse dia.

**António (filho de Rui):** Ele disse-me que não morria. Prometeu-me. Quando eu soube o que aconteceu eu reagi mal. Comecei a chorar muito e... na escola, quando eu estou a fazer os testes às vezes começo-me a lembrar das coisas e depois...

**Rui Rosinha (bombeiro):** Aquela última frase que o meu filho me disse: pai, tu não vais morrer! Acho que me deu, acho que me deu muita força, mesmo inconscientemente, acho que me deu muita força e se calhar foi a isso que eu me agarrei, possivelmente. Acho que foi, acho que foi a frase certa para me ajudar.

*[monitor cardíaco]*

A Marina vem, eu já estava farto de dizer que tinha lentes de contacto. Já me estava a fazer dor nos olhos. *[efeito sonoro]* A Marina teve a coragem que mais ninguém teve, que foi tirar-me as lentes. Foram momentos complicados. A adrenalina quando se foi embora, as dores tomam mesmo conta de nós. Pedi a colegas para me, para me matarem que eu já não aguentava mais as dores. Pedi a dois colegas. Já lhes pedi desculpa, porque isso é uma coisa que não se pede a ninguém, não é, mas na altura era o que me *[efeito sonoro]* era para acabar com aquilo o que me vinha à cabeça.

Depois tive dois colegas muito fortes que estiveram comigo na ambulância, onde estiveram a meter água por cima, a tirar-me a roupa, a hidratarem-me o máximo que conseguiam. Foram momentos muito complicados. Eles foram muito fortes. Tentaram sempre dar-me força, sempre a incentivarem-me para eu não, para não desistir.

**Marina (mulher de Rui):** O meu marido, para além do tempo, foi as dores que ele sofreu, que ele não tinha nada para as dores.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Não havia nada no centro de saúde que me pudesse tirar as dores. O máximo que lá havia era um analgésico que é o “diclofenac”, que nem é, pronto, não havia morfina, não havia nada *[efeito sonoro]*, nem para mim, nem para os meus colegas, não havia nada.

**Rui Rosinha (fireman):** He left the ambulance and out on the street he came to the side door, held up his thumb and said to me: dad – you’re not going to die! Then he was gone, and I never saw him again that day.

**António (son of Rui):** He told me that he wasn’t going to die. He promised. When I found out what had happened it affected me badly. I started to cry a lot... at school, when I was taking exams I started to remember things and then...

**Rui Rosinha (fireman):** That last thing that my son said to me: dad – you’re not going to die! I think that – I think that was what gave me my strength, even unconsciously I think that’s what gave me a lot of strength and that’s what I held on to possibly. I think it was – I think it was the right thing to say to help me.

*[heart monitor]*

Marina came in and I was tired of saying that I was wearing contact lenses. They were starting to hurt my eyes. *[sound effect]* Marina had the courage that no-one else had to take the lenses out for me. The adrenalin had drained away and the pain was unbearable. I was asking colleagues to – I asked them to kill me – I couldn’t stand the pain any more. I asked two of my colleagues – I asked them to forgive me because this is something that you can’t ask anyone to do, right? But right at that moment *[sound effect]* it was just to bring it to an end that was going through my mind.

I had two really supportive colleagues who were there with me in the ambulance, pouring water on me and helping me to get my clothing off – trying to rehydrate me as much as possible. They tried to give me strength. This was a difficult moment. They were really strong, encouraging me not to give up.

**Marina (wife of Rui):** My husband – it was the pain that he had to endure – the pain was given no relief.

**Rui Rosinha (fireman):** There was nothing at the health centre that could help me with the pain. They only had the painkiller “diclofenac” which isn’t – there was no morphine – there was nothing *[sound effect]* – not for me and not for my colleagues – there was nothing at all.



**Marina (mulher de Rui):** Não é tanto a falta de socorro, porque toda a gente veio. Vieram montes de médicos que estavam de férias, vieram enfermeiros, todas as pessoas saíram de suas casas para ajudar, mas não tinham como. É preciso material para socorrer. E nós, nos dias de hoje, termos uma pessoa queimada, com queimaduras de segundo e terceiro grau, com queimaduras internas, com os pulmões queimados, sem nada para as dores [*efeito sonoro*], que ele só foi sedado perto das onze da noite, quando se queimou às oito e treze! Está a ver o sofrimento que ele deve ter tido. É atroz!

Nós brincávamos muitas vezes com ele e ainda hoje lhe dizemos, porque os amigos chamam-lhe muito “o gigante. Ele agora está muito mais magrinho, ele emagreceu cerca de 40 e muitos quilos. Ele tinha cerca de 135 quilos, neste momento tem 90 e poucos, tem um metro e 90 [*sirene ambulâncias*]. – 18’48

**Rui Rosinha (bombeiro):** Tentaram levar-me para vários sítios, para o helicóptero que veio de Loulé. Veio um helicóptero de Loulé, do INEM, portanto, veja, [*monitor cardíaco*] fez mais de metade de Portugal. Levam-me a Penela, não conseguiram, levam-me para o Estádio Municipal da Lousã, aí consegue aterrar. Tive paragens cardio-respiratórias nesse entretanto também.

**Marina (mulher de Rui):** Eu voltei junto ao quartel, porque pensava que ele tinha sido evacuado para Coimbra ou para algum hospital. Só no dia a seguir é que eu vim a saber que ele permaneceu no centro de saúde, voltou para trás mais umas poucas vezes, houve uma tentativa de evacuação de helicóptero, dentro do campo de Castanheira de Pera, que não foi possível, porque aquilo que me foi explicado é que o fumo era de tal ordem espesso que parecia uma barreira, os helicópteros não conseguiam penetrar.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Aí é que eles pegam em mim, pronto, e dirigem-se a Santa Comba para o combustível, pronto, que já deviam ter pouco, e me levam para o Porto. Primeiro tive de passar na urgência do hospital, do Pedro Hispano, porque o hospital da Prelada não recebe doentes diretos do teatro de operações, ou seja, do que for. Tem que ser estabilizado primeiro numa urgência e depois é que...

**Marina (mulher de Rui):** Deu entrada no hospital da Prelada às seis e duas da manhã, isto já no domingo. [*música*]

**Marina (wife of Rui):** It’s not the lack of help, because everyone showed up. Lots of doctors who were on holiday came, ones who were on sick leave, everyone came to offer their help but there was no way that they could. You need materials to be able to help. So today we’re here with someone who has suffered burns, second and third-degree burns, internal burns, with their lungs burnt and with nothing to ease the pain [*sound effect*], he was only sedated about 11 o’clock at night and he got burned at 8:13! You can see how much pain and suffering he went through. It’s terrible!

We joke with him a lot and we still call him – because his friends often call him – the giant. He’s much thinner now – he’s lost about 40 kilos. He weighed about 135 and now he’s down to 90, and he’s 1.9 metres tall [*ambulance siren*]. – 18’48

**Rui Rosinha (fireman):** They tried to take me to various places for the helicopter that came from Loulé. A helicopter came from Loulé from the INEM so [*heart monitor*] it came from half-way across Portugal. They took me to Penela but they couldn’t, they took me to the Municipal Sports Centre at Lousã which was where it landed. I had cardiorespiratory arrests in the meantime as well.

**Marina (wife of Rui):** I went back to the fire-station because I thought that he’d been taken to Coimbra or some other hospital. It was only the next day that I found out that he’d been kept at the health centre – turned back several times – they tried to take him by helicopter from Castanheira de Pera but they couldn’t because they told me that the smoke was so thick like a barrier that the helicopters couldn’t get through.

**Rui Rosinha (fireman):** So, then they got me and headed to Santa Comba to re-fuel because I don’t think they had much left and then they took me to Porto. First, I went to A & E at the Pedro Hispano because the hospital at Prelada can’t take patients straight from the scene of the fire or something like that. I needed to be stabilised first in A & E and then it was...

**Marina (wife of Rui):** He was admitted to the Prelada hospital at 6:02 in the morning, already on Sunday. [*music*]

**Rui Rosinha (bombeiro):** Pronto, e entrei na Prelada e tive dois meses e três semanas em coma.

**Marina (mulher de Rui):** Eu consegui lá ir com a corporação de bombeiros. No caminho, recebi a notícia que o Gonçalo tinha morrido. – 20’12

**Locutor de rádio (voz 1):** Vamos para o jornal das seis. A edição é de Cristina Santos.

**Locutor de rádio (voz 2):** Um bombeiro que estava internado em estado grave não conseguiu sobreviver aos ferimentos, aumentando assim o número de mortos vítimas do incêndio de Pedrógão Grande. 63 pessoas morreram. As informações prestadas aos jornalistas...

**Marina (mulher de Rui):** Era o bombeiro que ia com ele dentro do carro. Eram amigos de infância, foram criados juntos, têm, [coração a bater] tinham exatamente 18 dias de diferença, andaram na escola juntos, na mesma turma, viviam juntos no mesmo bairro, e...

**Rui Rosinha (bombeiro):** A última conversa que eu tive com o Gonçalo naquele local foi: Gonçalo, nós se calhar desta não nos safamos. E ele acenou com a cabeça a dizer que sim, porque nós todos tínhamos a noção que podiam ser ali os últimos minutos [*efeito sonoro*].

**Marina (mulher de Rui):** Para além de tudo seria como é que ele iria reagir quando soubesse.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Quando eu acordo do coma [*efeito sonoro*], portanto, naqueles primeiros dias, e quando consigo falar, porque estava entubado...

**Marina (mulher de Rui):** A primeira coisa que ele me perguntou foi pelos filhos e pelos colegas.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Queria saber a realidade das coisas, o que se tinha passado.

**Marina (mulher de Rui):** Não se calava: e o Gonçalo, e o Gonçalo, e o Gonçalo... e eu disse o Gonçalo está bem! Mas se o Gonçalo está bem como é que...? Porque ele não tinha ideia de nada do que tinha acontecido, não é. E o Gonçalo era dos poucos que caminhava.

**Rui Rosinha (fireman):** Right – so I was admitted to the Prelada and I was in a coma for two months and three weeks.

**Marina (wife of Rui):** I managed to get there with the help of the fire service. On the way I heard that Gonçalo had died. – 20’12

**Radio announcer (voice 1):** And now it’s time for the news at six with Cristina Santos.

**Radio announcer (voice 2):** A fireman who was in a serious condition in hospital has died of his injuries, increasing the number of victims of the blaze at Pedrógão Grande. 63 people have died. The information provided to the press...

**Marina (wife of Rui):** He was the fireman who was with him in the fire engine. They were friends since childhood, they were brought up together, there’s *[beating heart]* there was just 18 days between their birthdays. They went to school together, in the same class, they lived in the same district and...

**Rui Rosinha (fireman):** The last thing I said to Gonçalo there was ‘Gonçalo – I feel that we’re not going to get out of this’. He nodded his head in agreement because we all knew that these could be our final moments *[sound effect]*.

**Marina (wife of Rui):** On top of everything else – what would he do when he found out?

**Rui Rosinha (fireman):** When I came out of the coma *[sound effect]* – well – those first few days, when I managed to speak because I was all tubed up...

**Marina (wife of Rui):** The first thing he asked about was the children and then his colleagues.

**Rui Rosinha (fireman):** I wanted to know how things really were – what had happened.

**Marina (wife of Rui):** He just kept on - ‘What about Gonçalo? – what about Gonçalo? – What about Gonçalo? So, I told him that Gonçalo was OK... Because he had no idea of what had happened right? And Gonçalo was one of the few that could still walk.

E ele não se calava com o Gonçalo. Perguntava por todos, mas e o Gonçalo, e o Gonçalo, parecia que... ele esteve ali 15 dias até que eu fui autorizada a contar-lhe a verdade. E foi terrível eu ter que estar a mentir, porque ele perguntava pelas pessoas e pelas coisas e eu dizia-lhe que estava tudo bem e tinha que inventar histórias. Depois ele... nós tínhamos que nos revezar nas visitas e ele quando apanhava outra pessoa perguntava-lhe para ver se nos apanhava a mentir, ou se nos apanhava em incoerências [*efeito sonoro*]. E não foi fácil, até que tivemos que lhe contar, quando ele passou à enfermaria e quando ele descobriu o número de pessoas, e principalmente o número de pessoas que conhecia e de crianças, desabou.

[*música com efeito sonoro*] – 22’20

**Rui Rosinha (bombeiro):** As pessoas lidam com estas coisas de maneira diferente. E eu achei que enfrentando tudo o que se tinha passado, para mim era mais fácil. Não era fugir, era sim tentar saber tudo. E quando eu consegui ter essa informação toda, consegui formar toda a história na minha cabeça, não é, e aí sim, aí fiquei mais calmo. Chorei muito. Sozinho. Mas foi a maneira que eu me encontrei para me acalmar. E só assim é que eu consegui encadear a história toda na minha cabeça.

**Marina (mulher de Rui):** A resistência que ele teve com quatro paragens cardíacas, com dois pulmões queimados, com os rins, ele fez diálise um mês e tal.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Eu estava com o ventilador, o ventilador já não conseguia compensar a parte pulmonar. A minha esposa é informada que eu tenho que ser transferido de urgência para o Hospital de São João, para me ligarem ao pulmão artificial, que é o único no país. Há várias máquinas daquelas [*monitor pulmão artificial – som ECMO*], mas não com a capacidade que tem aquela do Hospital de São João. Sou ligado também à ECMO<sup>7</sup>. No total, documentadas, tenho quatro paragens cardiorrespiratórias.

**Marina (mulher de Rui):** Ele foi logo operado, quando chegou, às mãos e à cara. Na altura aquilo que o doutor Paulo Sousa, que foi o cirurgião que o operou fez foi um *peeling*, em que lhe arrancou e ele foi desbridado até, até começar a nascer a pele nova.

---

<sup>7</sup> ECMO – *Extracorporeal membrane oxygenation*

So, he didn't stop asking about Gonçalo. He asked about everyone, but it was - What about Gonçalo? – What about Gonçalo? It seemed like... he was there for 2 weeks until they told me that I could tell him the truth. It was terrible having to lie to him because he asked me things and about people and I told him that everyone was OK and even had to make things up. Then afterwards... we had to change visiting times and when he saw someone else he asked the same questions to see if we were lying or we told different stories *[sound effect]*. It wasn't easy until finally we had to tell him when he went onto the ward and he found out how many had died and the people he knew, the children, and then he broke down.

*[music with sound effects] – 22'20*

**Rui Rosinha (fireman):** People have to deal with these things differently, so I think that facing up to everything that had gone on was the easiest way for me. Not running away but rather trying to find out everything. So, when I finally had all this information I could get the story straight in my mind right? So, then I felt much calmer. I wept a lot. All alone. But this was the way that I found to calm myself down. This was the only way that helped me to link up the whole story in my mind.

**Marina (wife of Rui):** The strength that he had in spite of four cardiac arrests, both lungs burnt, his kidneys he was on dialysis for a month or more.

**Rui Rosinha (fireman):** I was on a ventilator and the ventilator was not able to make up for the losses. My wife was told that I needed to be transferred urgently to the São João Hospital so that I could be connected up to an artificial lung apparatus that is the only one in the country. There are several machines *[artificial lung machine monitor – ECMO sound]* but not with the capacity like that one at São João. I was connected up to the ECMO<sup>8</sup>. In total I had four cardio-respiratory arrests.

**Marina (wife of Rui):** Then they operated on him for his hands and his face. That was when the surgeon – Doctor Paulo Sousa – carried out a peeling operation to remove and trim the skin until the new skin started to grow.

---

<sup>8</sup> ECMO – Extracorporeal membrane oxygenation

Foi feito o nariz, a boca, que era o que estava mais destruído, e a parte das orelhas, a cartilagem. O que tem sido muito é a parte das mãos, que foi operado várias vezes, com enxertos para salvar os dedos, que neste momento tem, embora não tenha a função total das mãos e possivelmente nunca virá a ter. Teve com o posicionamento, que ele teve que estar sentado por causa da ECMO, ganhou uma escara, na zona do sacro, que fez com que ele tivesse que ser submetido a algumas cirurgias para tapar. Fazer retalhos para tapar e isso levou a um posicionamento na lateral, o que abriu uma nova escara em cada anca. Neste momento é o que está a ser tratado, estão a fazer retalhos, retirar músculo para encher e tapar a zona das escaras por causa dos posicionamentos.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Portanto mais dois buracos, não é. Tem sido uma guerra desde aí. Tentar debelar estas, estas feridas. Acho que estou na fase final para debelar essa úlcera de pressão à direita, acho que estou no caminho certo, espero eu [*sirene bombeiros*]. – 25’11

**Baltazar Lopes (presidente dos bombeiros):** E essa é a minha preocupação, não é. Voltar a ter os bombeiros com saúde e que possam continuar as suas vidas, não é, sobretudo as suas famílias, porque eles estão no hospital, mas têm a família a sofrer também, cá fora, não é. O caso por exemplo da Marina e dos filhos. Desde que isso aconteceu, até hoje, a vida deles alterou por completo. Eles pararam de viver naquele dia e hoje a única coisa que fazem e a única preocupação que têm é com o Rui. É com o marido, é com o pai. E isso é muito complicado.

**Voz ao fundo (mãe de Marina):** Meu amor, boa viagem, vá, adeus, minha senhora.

**Isabel (jornalista):** Adeus, obrigada [*chave ignição carro*]. E portanto, a Marina tem feito este trajeto todos os dias, ou...?

**Marina (mulher de Rui):** Sim, sim, para Coimbra sim e antes para o Porto.

**Isabel (jornalista):** E leva sempre o almoço?

**Marina (mulher de Rui):** Agora nesta fase sim, porque o Rui enjoou a comida do hospital, já não consegue, então levo-lhe sempre a comida, um miminho. [*estrada*] Esperamos que a alta venha antes do Natal. Estamos a tentar tratar da situação. O Rui a nível de mobilidade continua com a mobilidade muito reduzida, ainda só deu alguns passos.

His nose was re-made, his mouth which was the most badly damaged part of him as well as his ears – the cartilage. What was really difficult was his hands – he was operated on several times with grafts to save the fingers as they are now although they don't work properly yet and may never do. His posture was a problem too because he had to be seated for the ECMO which gave him a bedsore in the sacral bone area so then he had to have more operations to heal it up. Taking grafts to repair this bedsore meant that he sat to one side and this gave him another bedsore on each ankle. Right now, this is what he's being treated for – to take grafts, remove muscle to fill up and heal the area of the bedsores due to his positioning.

**Rui Rosinha (fireman):** So, two more holes, right? It's been a struggle to try and cure these wounds. I think I'm on the last lap for curing the pressure ulcer on the right-hand side – I think I'm on the mend – I hope so [*fire siren*]. – 25'11

**Baltazar Lopes (chair of the fire service):** This is what worries me - right? I want to have healthy firemen who can get on with their lives – right? Especially with their families because they are in hospital, but they have family and they suffer too – outside the hospital – right? The case of Marina, for example, and the children. Ever since this happened until now, their lives have been completely changed. Their lives stopped that day and now the only thing they do and the only thing that worries them has to do with Rui. With her husband, with their father and this is all very hard.

**Voice in the background (mother of Marina):** Have a safe journey love - bye.

**Isabel (journalist):** Goodbye and thank you [*ignition key in the car*]. So, Marina has made this journey every day or...?

**Marina (wife of Rui):** Yes, yes – to Coimbra and before it was to Porto.

**Isabel (journalist):** And do you always take lunch with you?

**Marina (wife of Rui):** Yes –now I do because Rui didn't like the hospital food, so I always take him something to eat just as a treat [*road*]. We hope that he'll be out by Christmas. We are trying to deal with the situation. Rui's mobility is still quite restricted – he's only been able to take a few steps.



Neste momento, também voltou a não dar, porque teve de fazer uma nova cirurgia. Estamos a tentar arranjar, porque precisamos de uma cadeira de rodas, precisamos de andarilhos. Temos uma poltrona que nos foi cedida por uma clínica de diálise que renovou, mas precisamos de um sofá para ele estar sentado, porque não se pode sentar, devido às escaras e aos buracos que tem, numa cadeira normal. E como a minha casa é num primeiro andar com escadas, é impossível, quando o Rui voltar para casa, ir para lá.

Então, neste momento vamos ter que acampar em casa da minha mãe. Eu já cá estou com os meus filhos, até porque eu passo muito tempo fora de casa e para eles também não estarem, não estarem sozinhos ou não serem obrigados a ir tanta vez para o hospital, não é, temos ficado aqui para eles manterem um ambiente mais familiar [*porta carro, passos*], mais aconchegado, se sentirem mais protegidos. – 27’07

**Vozes ao fundo:** Boa tarde, boa tarde.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Boa tarde, tudo bem

**Voz ao fundo (bombeiro que veio a conduzir):** Como é que é meu menino?

**Rui Rosinha (bombeiro):** Oi Jorge, estás bom?

**Marina (mulher de Rui):** Aquilo que eu lhe posso dizer, a nível de apoios, neste momento ainda não tivemos apoios... eu não tive apoios nenhuns, tirando o ordenado do Rui que está a ser pago, não houve qualquer tipo de apoios. Agora, a nível hospitalar, o Rui tem tido um tratamento, uma coisa, não me posso queixar.

O Rui é um caso clínico extremamente grave e que tem tido uma taxa de sucesso excelente. Nunca lhe faltou nada, desde o problema das camas, porque ele tinha tido o problema da cama, por ser muito grande e não caber na cama. O próprio ministro tem disponibilizado tudo o que é necessário para o tratamento dele a nível hospitalar, as equipas, a forma como eles são tratados... é assim, eu, pessoalmente, que é neste momento é o que me interessa, é a parte hospitalar, que é onde ele está ainda, não é, posso lhe dizer que o Rui tem tido tudo o que necessita e um tratamento de excelência.

[*porta a abrir*]

**Baltazar Lopes (presidente dos bombeiros):** Sou diretor dos bombeiros desde 2006, portanto quase há 11 anos.

At the moment he can't because he's just had another operation. We are trying to get him a wheelchair – we need some walking frames. We have a chair that was given to us by a dialysis clinic that was replacing its equipment, but we need a settee for him to sit on because he can't sit in a normal chair because of the bedsores. As my flat is on the first floor with stairs, it will be impossible for Rui to come back home there.

So, for the time being we're going to have to stay at my mother's house. I'm already there with the children because I'm out a lot and so that, so that they're not left alone or have to go to the hospital so much, right? – we are staying there so that they are in a family environment [*car door – footsteps*], somewhere more comfortable where they feel safer. – 27'07

**Background voices:** Good evening, good evening.

**Rui Rosinha (fireman):** Good evening – how are you?

**Voice in the background (fireman who was driving):** How are you son?

**Rui Rosinha (fireman):** Hi Jorge – how are you?

**Marina (wife of Rui):** What I can say – for support, at the moment we're not receiving any support... I've had no support at all drawing the salary for Rui which is being paid but no... there has been no support. The hospital Rui has had treatment – one thing that I can't complain about.

Rui is a clinical case that is very serious and has had a very high success rate. He's never lacked for anything from the problem with the beds – because he had the bed problem due to his being very tall and he didn't fit into it. The minister himself has provided everything necessary for his treatment at the hospital, the equipment, the way he has been treat... and so I personally – what at the moment is my concern – is the hospital which is where he still is, right? I think I can say that Rui has had everything that he needed and excellent treatment.

*[door opening]*

**Baltazar Lopes (chair of the fire service):** I am the director of the fire service since 2006 – that's 11 years in all.

Nós recebemos cerca de 70 mil euros, que nos foi entregue e não nos disseram para quê. Portanto, a associação recebeu esse dinheiro de várias pessoas, donativos de pessoas, havia pessoas que chegavam aqui e davam 20 euros, 40, 50. Mas esses 70 mil euros, se calhar haverá pessoas que digam assim: olha, que disparate já o devias ter aplicado na compra de capacetes, de luvas, de coisas de proteção dos bombeiros. Mas não o fizemos. Achámos nós que esse dinheiro deveria ser usado de forma a que fosse duplicado ou triplicado para poder vir a ajudar os bombeiros algum dia se eles vierem a precisar. Como que uma poupança, preocupado exatamente com o futuro.

É isso que estou a fazer, para vir um dia a poder ajudar os bombeiros, porque poderão vir a precisar de algum tratamento, de alguma coisa, porque aquilo que aconteceu aos bombeiros, e não só aos bombeiros, obviamente, não é, porque este incêndio, nesta zona, morreram 64 ou 65 pessoas, mas foram mais de 250 feridos, portanto não sabemos muito bem quais são as consequências sociais desta tragédia.

*[música] – 29’28*

**Rui Rosinha (bombeiro):** É muito importante os portugueses saberem que estas tragédias de 2017, o que aconteceu e Pedrógão, o que aconteceu em Oliveira do Hospital, é muito importante as pessoas saberem que é muito importante estarem unidas e terem a maior capacidade de discernimento possível, porque houve muita gente que morreu porque o pânico foi generalizado.

Para isso é preciso ter uma estrutura de proteção civil forte. E eu tenho a certeza que quando tivermos a estrutura da proteção civil forte e a trabalhar em força, as pessoas aí vão perceber que estão protegidas e vão perceber que, que a proteção civil não é só a Autoridade Nacional de Proteção Civil, não é só os bombeiros, não é só a GNR *[crepitar fogo]*, não são só os militares, não são só as câmaras, somos todos nós.

Se o povo português tiver essa consciência global de pensar que somos todos nós os responsáveis: o simples ato de ir para uma floresta e fazer uma fogueira, o simples ato de ir no carro e mandar o cigarro fora. Se nós todos formos cidadãos com plena consciência do mal que podemos provocar, tentar não o fazer, porque neste caso foi um fenómeno, mas noutros casos é negligência, é incúria das pessoas.

Uma das coisas que podem ser feitas é começar de pequeninos a incutir nas crianças o que está bem e o que está mal. Temos que respeitar a Natureza, temos que respeitar a floresta.

We received about 70,000 Euros but they didn't say what it was for so the association received this money from various people –individual donations – some people came in and donated 20 Euros, 40 or 50. But the 70,000 Euros – people might say 'Look – that's not right – you should have used that money to buy helmets, gloves – protective equipment for the fire service. But we didn't. We think that the funds should be used so that it can be doubled or trebled to help the fire service if one day it's needed. Like savings for the future.

That's what I'm doing so that one day it can help the fire service one day when they may need treatment or something because something happened to the firemen and not just the firemen of course – right? Because the blaze in this area killed 64 or 65 people and 250 were injured so we don't never know the social consequences of this tragedy

*[music] – 29'28*

**Rui Rosinha (fireman):** It's very important for the Portuguese people to be aware of these tragedies in 2017 – what happened at Pedrógão, what happened at Oliveira do Hospital, it's important for people to know that it is important to be united and to have the highest possible level of discernment because a lot of people died because panic was spread everywhere.

So, a strong civil protection structure is vital. I'm sure that when we have this and we work together, people will see that they are protected and that civil protection isn't just National Civil Protection Authority, it's not just the fire service, it's not just the GNR *[fire encroaching]*, it's not just the armed forces, it's not just the town halls – it's everyone.

If the Portuguese people have this global awareness of believing that we're all responsible, the simple act of going to the forest and making a bonfire, the act of driving along in the car and flicking a cigarette butt out. If we are all citizens with a clear awareness of the damage that we can do, try not to do any because in this case it was a natural phenomenon but in other cases it's negligence, it's people's carelessness.

One thing that could be done is to start with small things and teach children what is good and what is bad. Nature needs to be treated with respect, the forest needs to be treated with respect.

Acho que isso é muito importante. Já ouvi pessoas a defender isto, eu também defendo: educar as populações. Por algum lado temos que começar. E acho que 2018 vai ser o ano zero para isso. *[coração a bater]* Temos que mudar muito as atitudes. – 31’21

**Marina (mulher de Rui):** Tem que se valorizar o dia de hoje, porque não sabemos se chega o dia de amanhã. Acho que foi a grande lição que nós aprendemos aqui: é que de um momento para o outro tudo se acaba, não é. Independentemente das idades, das condições sociais ou financeiras, tudo, tudo se acaba.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Se me dissessem que eu, um dia que eu ia passar por isto e que sobrevivia, eu dizia que não *[música]*.

Houve alguém uma vez que disse isto, já foi falado muitas vezes: o coração de bombeiro. Acho que sim, acho que temos mesmo um coração de bombeiro. O bombeiro é sempre bombeiro até ao final da vida. Somos ativos ou não. Claro que nunca mais vou conseguir ir para uma frente de fogo, nem conseguir ajudar como tentava sempre ajudar, mas não me vejo a sair dali... só se forem os meus filhos a pedirem-me e a minha esposa. Só eles é que vão ter esse poder. Se me pedirem mesmo a sério eu tenho que os respeitar e tenho que perceber que já os fiz sofrer muito com isto. Aquele cruzamento vai me ficar para sempre na memória. – 32’40

Tudo o que eu ali presenciei, eu e os meus colegas, o calor que sentimos, o fogo a passar por cima de nós dezenas de vezes. Tudo o que presenciámos e cheirámos ali foi algo de extraordinário. Algo de uma dimensão dantesca.

**António (filho de Rui):** Ser bombeiro é dar a própria vida para salvar outras e se correr bem eu também quero ser.

**Rui Rosinha (bombeiro):** Pois, isso é outra questão. Aí já é o pai a falar.

I think this is really important. I’ve heard people say it and I think so too – we need to educate people. At least we have to make a start. I think that 2018 will be year zero for this [*heart beating*] We have to start to change attitudes. – 31’21

**Marina (wife of Rui):** We have to appreciate every day because we never know if there’s going to be a tomorrow. I think this was the real lesson that we learned here. From one moment to the next everything could come to an end. It doesn’t matter about age, social or financial position – everything – it all comes to an end.

**Rui Rosinha (fireman):** If they told me that one day this was going to happen to me and that I would survive it I would say no [*music*].

Someone once said this – it’s often been said – the soul of a fireman. I think so – I think we really do have a fireman’s soul. A fireman is a fireman until the end of his days. Whether we’re on active service or not. Of course, I’m never going to the scene of a fire again nor try to help as I’ve always tried to help but I can’t see me out of there... only if my wife and children asked me to. They’re the only ones who have this power. If they asked me seriously I’d have to respect their wishes and I’d have to see that I already have made them suffer too much.

That crossroads will remain in my memory for ever. – 32’40

Everything that I saw there – me and my colleagues – the heat we felt, the fire passing over the top of us dozens of times. Everything that we witnessed there was extraordinary. Something of Dantesque proportions.

**António (son of Rui):** Being a fireman is to give your life to save others and if everything turns out right for me – I’d like to become one too.

**Rui Rosinha (fireman):** Well, that’s a different matter. And that’s the father talking.